

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1974

TÉRMINO DE PEROVISEU NA LUSITÂNIA ROMANA

1. No decurso de investigações a que procedemos no concelho do Fundão a partir de 1916, sob patrocínio e incentivo do Prof. J. Leite de Vasconcellos, ao tempo em excursão arqueológica e etnográfico-linguística pela Beira O, é em especial de referir o marco ou término que, em 16 de Agosto de 1971, nos foi dado verificar e identificar no lugar de Peroviseu, do mencionado concelho, e que nas férias seguintes (28 de Setembro de 1972) tivemos o feliz ensejo de recolher no Museu Municipal do Fundão, como director deste centro arqueológico. Por informação do rvd.º Prior de Peroviseu, sr. P.º Luís Leitão, a quem interrogáramos, em circunstancial encontro no próximo lugar da Capinha, sobre antiguidades de ambos os povos e de outros convizinhos e marginais das ribeiras da Meimoa e das Antas — zona densamente romanizada e de remotos cultos indígenas (2) — pudemos então

j¹) «O Archeologo Português», XXII, 1917, p. 293, 312, 314, 317, passim.

(2) Com o desprezioso mas elucidativo material proto-histórico do Museu Municipal do Fundão, procedente de Peroviseu (Cemitério, Romaxa, Ferrarias), Três-Povos (Escarigo), Vale de Prazeres (Torre), Donas e Alcongosta (Castro de S. Roque-Trigais); e com as espécies monumentais da dominação romana, largamente documentadas no mesmo Museu (miliário do Salgueiro-Vale do Canto, *donarium* da Torre, aras, lapides, colunas), sem relegar a segundo plano outros notáveis vestígios da romanização local — calçadas, pontes, hipocaustos (Quintãs, Escarigo), abundantíssimos fragmentos de olaria e materiais de construção: — é de assinalar o remoto culto indígena a BANDIARBARIAICVS (Capinha) e a BANDIVORTEAECEVS (Salgueiro),

saber que, na estrutura de uma das fachadas do presbitério de sua pertença actual, se encontrava inserida uma lápide com inscrição de algumas linhas, porém em más condições de acesso, e com a legenda invertida e de assunto e teor ignorados. Ao encontro do interesse com que acolhemos a notícia assim revelada, imediatamente se prontificou o digno Prior a facilitar-nos a inspecção do local e a pôr à nossa disposição o monumento — hoje de facto integrado no fundo do aludido centro arqueológico, como único, de sua espécie, até agora entrado em museus portugueses.

2. Trata-se, na verdade, de um marco divisionário de fronteiras em território da Lusitânia Romana, ou mais precisamente, como no texto epigráfico, de um *TERMINVS AVGVSTALIS INTER LANCIENSES ET IGAEDITANOS*, povos co-municípes da Lusitânia de Entre Douro e Tejo. A pedra afeiçoada ao término é um rectângulo de 1,40 X 0,46 X 0,21 *pl. rrtin.*, de granito branco (escurecido pela exposição de vinte séculos) e de grão invulgarmente fino, como em certas zonas do próximo és-nordeste de Peroviseu (Castelo Velho-Fatela). Por sua vez, mostra-se inculpida a legenda em quatro linhas de escrita monumental da «bela época», não isenta de consabidas imperfeições, v. g., de gravação e de influência ou contaminação do alfabeto cursivo⁽³⁾, sendo de 0,08, 0,06, 0,055 e 0,05, respectivamente, a altura das letras, da 1.^a à 4.^a linhas. No exíguo espaço entre esta última linha e a aresta inferior do rectângulo (pouco mais de 0,05 de alt.), introduziu-se mais tarde, talvez por meados do séc. xix, uma linha em maiúsculas de 0,045, cujo teor ficou porém incompleto, certamente por insuficiência

no centro geográfico-arqueológico de que nos ocupamos. Desaparecida a ara afirmativa do culto ao primeiro destes deuses do panteão lusitano-romano, encontra-se porém no Museu do Fundão, entre as espécies de sua maior raridade, uma ara de consagração a *Bandivortaecevs*, por nós identificada *in loco* em 1942, e que temos por monumento único de referência e voto a esta divindade (Cf. HÜBNER, *CJL*, II, 454; J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Religiões*, II, p. 321 e «O Arch. Port.», XXII, p. 317; VIRGILIO CORREIA, *O Domínio Romano — Mapa dos Cultos Indígenas*, in «Historia de Portugal», ed. de Barcelos, I, p. 248; JOSÉ MONTEIRO, *Ara e cipo miliário inéditos*, in *Letras e Artes*, supl. de «Novidades», de 30-VIII e 26-IX-1942).

(8) RENÉ CAGNAT, *Cours d'Epigraphie Latine*, 4.^a ed. Paris, 1914, p. 10.

de campo para a pretendida gravação. É como segue o traslado da inscrição augustal, bem como o da linha adicionada:

A) *Inscrição Augustal*

IMP.CAESAR.AVG.PONTIFEX. / MAX.TRIB.POTEST.
XXIIIX.COS.XIII. / PATER.PATRIAE.TERMINVS.
AVGVSTALIS. / INTER.LANCIENSES.ET.IGAEDITANOS.

B) *Linha intrusa*

ESTE LETTREIRO ESTAVA FEITO NO ANO

No tangente à inscrição original, considerados os imperiais atributos da legenda e o lugar do achamento, vê-se que no ano 27.^o do poder tribunicio de Augusto e na vigência do 13.^o do respectivo consulado — em concordância, portanto, com o ano 4.^o do séc. i p. C. (4) — foi imposto no lugar de Peroviseu, do moderno concelho do Fundão, um término ou marco de fronteiras entre os mencionados povos (Lancienses e Igeditanos).

A linha intrusa, como dissemos, teria ficado incompleta, por insuficiência de espaço para a proposta legenda.

3. Sabida a importância dos *termini*, justamente qualificada de «excepcional», para a identificação de territórios e discriminação de fronteiras do dilatado mundo romano, ou seja, para o estudo da geografia histórica, de Roma e seus domínios (5), é ainda de notar que com tais monumentos se consubstanciava, por assim dizer, a segurança do império, atento o carácter sagrado de que se revestiam, em conexão com o conceito da inviolabilidade das fronteiras.

No respeitante à província da Lusitânia e ao limitado contingente de lápides terminais na Espanha moderna — «pocos ejemplares» (6) — é por isso mesmo de lamentar o desaparecimento * (*)

(4) *Ibid.*, p. 178-179.

(6) *Ibid.*, p. 272.

(*) HÜBNER, *Arqueologia de España*, Barcelona, 1888, p. 105

do único término achado em Portugal, anteriormente ao de Peroviseu, «en la Aldea de S. Salvador entre Monsanto y Valverde, à dos leguas de Idaña por el Norte» (7). Este monumento, com o qual de há muito efectivamente se perdeu contacto, é hoje tão só conhecido na referencia de cronistas e arqueólogos dos sécs. xvi e seguintes, como Florián Docampo, Ambrósio de Morales, H. Florez e Hübner; assinalando todavia este último a disparidade de versões ou cópias divulgadas — *exempla nimis diversa sunt* (CIL, II, p. cit.) — e confrontando no mesmo lugar do *Corpus* as lições de Docampo e de Morales, com prioridade para aquela. Passível, com efeito, o texto de Morales, contra o de Docampo, da relutância de ajustamento cronológico de determinados atributos imperiais (poder tribunício-consulado), poderia aliás observar-se, quanto ao *exemplum* do mesmo cronista, não ter Morales visitado o lugar do achamento do término—(...) *quamquam Moralem ipsum haec loca non adiisse* (...) (8)—e não haver, portanto, directamente colhido o teor da inscrição. Na versão de Docampo, encontra-se assim expressa a decisão augustal de S. Salvador, de possível atribuição ao ano 5.º do séc. i p. C.: IMP.CAESAR.AVG.PON / MAX.TRI.POT.XXVIII / COS.XIII. PATER.PATR- / TERM.AVG.INTER.LANC- / OPP.ET.IGAE-DIT..

Retomando as expendidas considerações sobre a importância dos *termini* no estudo da geografia política da Lusitânia, impõe-se finalmente observar, quanto aos marcos de S. Salvador e de Peroviseu — únicos até ao presente revelados em Portugal:

a) Que só a partir do achamento do primeiro se alcançou conhecimento de um ponto ou pormenor de posição geográfica e confinidade de fronteiras, na Lusitânia Romana, relativamente a dois dos seus onze municípios contribuintes da fábrica da Ponte de Alcântara — Lancienses Opidanos e Igeditanos.

b) Que a verificação e identificação do término de Peroviseu — fixando novo ponto confinai entre os mesmos povos ou muni-

(7) H. FLOREZ, *España Sagrada*, XIV, 2.ª ed., Madrid, 1786, p. 143-144.

(8) CIL, II, p. 51.

cípios, cerca de dez léguas a oeste do marco de S. Salvador •— abriu novas perspectivas ao estudo de ambos os *populi*, v. g. atinentemente à posição de muitos dos actuais lugares do concelho do Fundão, quer no âmbito da Igeditânia, como Peroviseu, Alearia, Fundão, Vale de Prazeres (com as estações arqueológicas do Catrão, Mata da Rainha, Póvoa Palhaça, Torre dos Namorados, Covilhã Velha, Alpedrinha, Castelo Novo, Orea, Zebras; quer entre os Lancienses Opidanos, como os lugares da Capinha, Salgueiro, Escarigo.

JOSÉ ALVES MONTEIRO

(Página deixada propositadamente em branco)

MARC AELIUS AUCTONILIBEX
MARTIRI POTEST XXXX COS III
MATERIA RIFERRE MIMXVXVMS
MATERIA RIFERRE MIMXVXVMS
MATERIA RIFERRE MIMXVXVMS